

GNOSTICISMO: DO AUTOCONHECIMENTO À HERESIA (SÉC. I – III)

Roney Marcos Pavani

(Mestre em História/UFES e Professor do IFES – Nova Venécia)

Resumo

Este artigo analisa, dentro das fronteiras do Império Romano, o caminho percorrido pelo fenômeno gnóstico dos primeiros séculos. Desde a sua origem nos cultos de mistério orientais, passando pela sua simbiose com o cristianismo, até a sua sumária condenação pelos Padres da Igreja, a exemplo do bispo Ireneu de Lyon (140-202), como heresia. Para tanto, utilizamos diversas fontes cristãs de influência gnóstica, as quais divergem amplamente em sua forma e conteúdo se comparadas aos textos *canônicos* do Novo Testamento. Nesse sentido, defendemos que o gnosticismo, por sua natureza esotérica, arcana e subjetiva, era um poderoso adversário à autoridade dos bispos e à própria existência do cristianismo enquanto instituição.

Palavras-chaves: gnosticismo, documentos de Nag Hammad, heresia.

Abstract

This article analyzes, within the borders of the Roman Empire, the path followed by the Gnostic phenomenon of the first centuries. Since its origins in Eastern mystery cults, going through its symbiosis with Christianity, until its summary condemnation by the Fathers of the Church, like the bishop Irenaeus of Lyon (140-202), as heresy. Therefore, we use several Christian sources of Gnostical influence, which differ widely in form and content compared to the *canonical* texts of the New Testament. Thus, we argue that Gnosticism, for its esoteric, arcane and subjective nature, it was a powerful opponent to the authority of bishops and to the existence of Christianity itself as an institution.

Keywords: Gnosticism, Nag Hammad documents, heresy.

O cristianismo gnóstico enquanto objeto de análise histórica

Um destaque especial nas obras do bispo e Padre da Igreja Ireneu de Lyon (140-202)¹ foi dado às seitas cristãs de influência gnóstica – marcionitas², valentinianos³, carpocratianos⁴, basilidianos. Embora carregassem importantes diferenças entre si, todas foram condenadas como “falsas” e “heréticas”.

Este tipo de exposição generalizadora foi uma arma política fundamental utilizada pelos membros do clero dos primeiros séculos, na medida em que transmitia uma imagem acerca dos gnósticos que fosse acessível e aceitável à maior parte dos fiéis. De fato, entre os perigos enfrentados pelo cristianismo eclesiástico dessa época, no que tange à sua institucionalização e à sua estabilidade, estavam estas mesmas seitas. Mais do que isso, a partir das concepções e convicções formuladas pelos gnósticos, surgiam consequências políticas que colocavam em risco a própria legitimidade dos bispos.

Isto posto, faz-se necessário localizar as principais correntes gnósticas, bem como suas influências mais marcantes. Apesar de serem movimentos específicos, todas elas partiam de fundamentos bastante semelhantes, para não dizer equivalentes. Todas bebiam de origens também similares, como por exemplo, a crença em uma doutrina somente reservada aos verdadeiros iniciados, e a mescla com elementos esotéricos. A partir de então, poderemos melhor compreender quais eram as afirmações e as implicações desses mesmos ensinamentos, e o que levou o gnosticismo a ser desqualificado, estigmatizado e, sobretudo, condenado.

1 *Ireneu de Lyon*, venerado pela Igreja Católica como santo e mártir, representa o início da teologia cristã, junto a Justino, o mártir e Tertuliano, o africano. Tais indivíduos são conhecidos também como os “Padres da Igreja” (CHADWICK, 1969, p. 78). Seus objetivos são defender um cristianismo hierárquico, sistematicamente organizado e dogmatizado, não poupando meios de crítica a quaisquer formas de religiosidade cristã que atentassem a esta ordem, ou pusessem em risco a existência legítima dos bispos, como era o caso das seitas gnósticas.

2 Filho do bispo de Sínope, *Marcião* (c. 85-160) mantinha usos ortodoxos em sua Igreja, mas permitia às mulheres funções de exorcismo, imposição das mãos aos doentes e o batismo. A sua grande dificuldade, enquanto seguidor de Paulo, era conciliar o único “Evangelho” de Cristo (algumas epístolas paulinas e partes dos escritos de Lucas) com os ensinamentos do Antigo Testamento ou com os escritos pós-paulinos.

3 *Valentim* (c. 100-160) foi teólogo e místico. Possui elementos judaicos evidentes, mas sua principal ideia é a transcendência absoluta do Pai Invisível e de seu pensamento (em contraposição ao Deus do Antigo Testamento, que age na criação por várias vezes). A missão de Cristo, segundo esta ótica, é trazer a gnose para um mundo perdido, graças à qual os espíritos se salvam.

4 *Carpócrates* de Alexandria foi o fundador de uma seita gnóstica que utilizava unicamente o Evangelho segundo os Hebreus. Assim como muitas outras seitas gnósticas, sabemos dos carpocratianos apenas pelos relatos dos Pais da Igreja, principalmente Ireneu e Clemente de Alexandria.

O problema representado por estas seitas gnósticas era tão evidente, que assim dizia Ireneu sobre eles ao iniciar a sua obra maior, o *Contra as Heresias*:

[...] Esses, de quem o Senhor nos ordenou nos guardar, esses, que falam como nós, mas pensam diferentemente de nós. (...) Porque não renunciaram ao intelecto [à capacidade humana], (...) [eles representam um] abismo de irracionalidade e de blasfêmia contra Deus. (...) o que dizem é absurdo, inconsistente e oposto à verdade (IRENEU DE LIÃO, p. 30. Prefácio, 3).

E ao falar sobre o objetivo de sua obra, o bispo de Lyon assim coloca a seu amigo:

[...] ao responder ao teu desejo, já antigo, de conhecer as doutrinas deles [dos gnósticos], não somente nos esforçamos para to manifestar, mas também para demonstrar sua falsidade. Assim tu também esforçar-te-ás por ajudar os outros, conforme a graça que te foi concedida pelo Senhor, de forma que os homens já não se deixem induzir ao erro pela doutrina capciosa deles (IRENEU DE LIÃO, p. 31. Prefácio, 3).

Existe um completo cuidado em toda a obra ireneana em criticar de forma metódica e sistemática os principais líderes gnósticos, e transmitir uma visão extremamente negativa tanto do movimento em si mesmo quanto de seus participantes. Estes, por comungarem de ritos considerados “heréticos”, também recebiam uma carga depreciativa do ponto de vista moral: “loucos”, “adúlteros”, “libidinosos”, “arrogantes”, entre outros adjetivos de mesma natureza.

O mais interessante de todo esse processo de lutas, embates teológicos e estigmatização social está no fato de que, até poucas décadas atrás, todo o conhecimento que se tinha a respeito das comunidades gnósticas era proveniente dos discursos e dos meios que dispunham seus inimigos (os bispos) para atacá-los. Estes, ao vencerem a luta política, espalharam as suas convicções como verdades, tidas por imutáveis desde sempre.

Contudo, cabe ao historiador também investigar o passado do ponto de vista dos derrotados (e, mais ainda, por que assim o foram), e fazer recuperar, ao menos em parte, os princípios que os identificavam. Mais ainda, nos servem para entender como o cristianismo poderia ter se desenvolvido de um modo absolutamente diverso.

Após as descobertas de Nag Hammad⁵, os cristãos gnósticos puderam, por meio de novas fontes, se revelar. E, mais importante, serem interpretados por nós, homens do século XXI, sem a interferência de grupos que concorriam para a sua destruição.

Dar vida e voz às seitas gnósticas, comparando seus escritos e preceitos com o das comunidades episcopais é um exercício de ampliação do conhecimento. Isso também nos faz refletir, do ponto de vista da estruturação do cânon cristão, por que um documento (por exemplo, um evangelho) diz algo que é contraditório ao que diz um outro, sendo ambos de autorias supostamente paralelas.

Tomemos o seguinte exemplo: o relato da ressurreição de Jesus Cristo, a partir do *Evangelho Segundo Lucas* (canônico), e a partir dos *Atos de João*⁶ (gnóstico):

[...] Falavam ainda, quando ele próprio [Jesus] se apresentou no meio deles e disse: “A paz esteja convosco!” Tomados de espanto e temor, imaginavam ver um espírito. Mas ele disse: “Por que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho”. Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés. E como, por causa da alegria, não podiam acreditar ainda e permaneciam surpresos, disse-lhes: “Tendes o que comer?” Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado. Tomou-o, então, e comeu-o diante deles (Lc 24,36-43).

(...)

[...] Assim, meus irmãos, como sou testemunha da bondade do Senhor e de sua terna afeição por nós, conclamo-vos a adorá-lo pelas provas de misericórdia que ele deu em atenção a nós, não por nosso dedos, nossa boca, nossa língua ou alguma parte do nosso corpo, mas por uma disposição interior da *alma*, ainda que Ele se tenha transformado em um ser *incorpóreo* (MAIA, 1992, p. 94. O grifo é meu).

Dessa forma, as perguntas mais pertinentes a serem feitas são: por que certos textos são chamados (inclusive atualmente) pela Igreja de “heréticos”, “apócrifos”, “não inspirados”, e outros não? Quais interesses estavam em jogo?

5 Os documentos de Nag Hammad, descobertos em 1945 no Alto Egito, dizem respeito a inúmeros textos contendo, em sua maioria, informações cristãs que se diferenciavam em demasia dos escritos do Novo Testamento, para não dizer que os colocava em xeque. Cf. PAGELS, 1994, p. 11-18.

6 Os Atos de João faziam parte de um conjunto de obras usadas pelos maniqueus no fim do século IV, em substituição aos Atos dos Apóstolos (canônico). Segundo Márcia Maia (1992, p.83), há indícios de terem sido compostos em Edessa, no final do século II, em conjunto com os Atos de Pedro, Paulo, André e Tomé, por um autor de nome Leucius Charinus, que viveu na Síria e teria sido discípulo do apóstolo João. Obedecem às linhas mestras do pensamento gnóstico. Foi duplamente condenado, tanto pelo papa Leão I (440-461) quanto pelo II Concílio de Niceia (787).

É relevante dizer que a ideia que se tinha acerca do gnosticismo e das facções cristãs de sua influência era, até os achados de Nag Hammad, extremamente negativa. Um exemplo importante desse tipo de concepção, mesmo que distante, nos é fornecido por Edward Gibbon. Ele, em finais do século XVIII, ao estudar o Império Romano, assim descreve o panorama encontrado para o cristianismo dos séculos II e III, e o que representavam os gnósticos:

[...] Enquanto a Igreja ortodoxa preservava um justo termo médio entre a veneração excessiva e o desprezo impróprio da lei [sic] de Moisés, as diversas seitas *heréticas* caíam em extremos equivalentes, mas opostos, de *erro* e *extravagância* (...). Há algumas objeções à autoridade de Moisés e dos profetas que com demasiada presteza se impõem à mente cética, embora só possam resultar de nossa *ignorância* da antiguidade remota e de nossa *incapacidade* de fazer um juízo adequado da economia divina. Tais objeções foram sofregamente acolhidas e petulantemente alegadas pela *fátua ciência dos gnósticos*. Como esses *heréticos* se opunham na sua maioria aos prazeres dos sentidos, censuravam *rabugentemente* a poligamia dos patriarcas (...) (GIBBON, 2005, p. 199, os grifos são nossos).

Por meio dessa passagem, percebe-se que mesmo um historiador iluminista, impregnado por valores de parcialidade e secularidade (no sentido que pretende construir um conhecimento distinto do conhecimento religioso), parece repetir o mesmo discurso da Igreja de sua época e, conseqüentemente, aproximar-se das mesmas palavras de Ireneu de Lyon. Gibbon, assim, exalta a Igreja dos bispos e confere ao gnosticismo o papel de antagonista ou de vilão. É como se dissesse que suas diversas seitas atrapalhavam a consolidação *inevitável* do cristianismo episcopal, tendo em vista que os classifica como “hereges”, “errados”, “extravagantes”, e à sua ciência chama de “fátua”.

O autor não pode ser censurado de modo desatento, posto que trabalhava com as fontes que tinha em mãos, dentre as quais não estavam incluídos os achados que temos hoje, vindos a público quase 150 anos após sua morte de Gibbon. O conhecimento acerca dos gnósticos somente lhe era passado por fontes eclesiásticas, portanto, sua concepção dificilmente seria diferente. No entanto, isso não quer dizer que nós, historiadores do século XXI, devemos nos comportar da mesma forma, muito pelo contrário.

Elaine Pagels (1994, p. 30) é um excelente exemplo de como estas concepções foram drasticamente modificadas e, por conseguinte, como a integridade dos

dogmas cristãos foi mais do que relativizada nestes últimos séculos. Segundo ela, as seitas gnósticas não podem ser tratadas simplesmente como “heresias”, pois se não existia um padrão a ser seguido, tampouco haveria um desvio a este padrão. Em outras palavras, o estudo dos segmentos gnósticos pode servir de forma independente (não como um mero apêndice ou do cristianismo institucional) para se analisar os mais diversos assuntos, de acordo com cada linha de pesquisa proposta: 1) comparar o gnosticismo com a filosofia helênica, enfatizando os aspectos mágicos do primeiro; 2) avaliar o gnosticismo do ponto de vista literário, no qual o simbólico possui papel primordial; e, finalmente, 3) compreender o gnosticismo dentro do cenário religioso da época, o que, de fato, é o nosso interesse.

As perguntas feitas tanto por Pagels quanto por nós são basicamente as seguintes: o que os textos de inspiração gnóstica dizem sobre a origem e o desenvolvimento do cristianismo? Como as formas gnósticas concebiam, representavam e se relacionavam com a assim chamada ortodoxia? Qual o significado dessa relação para o estudo da religião cristã e para a formação de seus dogmas?

Diante dessa breve exposição, podemos perceber o quanto um objeto histórico (*passado*) modifica sua forma e seu conteúdo de acordo com os meios dos quais dispõe o historiador para estudá-lo (*presente*). Da mesma maneira, mas em sentido contrário, um objeto histórico modificado (*passado*), também traz novos problemas e novas indagações acerca de conjunturas vividas atualmente (*presente*). Não é à toa que Marc Bloch (2003, p. 60-68) nos mostra o quão ligados estão o passado e o presente históricos.

Logo, só nos resta, à luz das descobertas mais recentes, tentar descrever e analisar o que foi o gnosticismo, enfatizando-o em sua vertente cristã, e poder oferecer soluções para os questionamentos feitos anteriormente.

As origens do gnosticismo

Os autores com os quais trabalhamos neste ensaio são unânimes em dizer que o *gnosticismo* é um termo de origem grega, derivado etimologicamente da palavra *gnose* (γνῶσις) – “conhecimento”, empregado para “designar uma forma de religiosidade” (AZEVEDO, 1997, p. 199). O gnosticismo, ao qual se opõe o

*agnosticismo*⁷, é extremamente difícil de ser definido e não é sem razão que um historiador do cristianismo não hesitou em afirmar que “suas fronteiras são indemarcáveis” (JOHNSON, 2001, p. 60).

Realmente, aqueles que o abraçam não constituem uma população em específico: o gnosticismo não é uma religião que pertença a este ou àquele povo ou que tenha dado origem a uma cultura particular. Não é um sistema nem uma Igreja dotada de hierarquia, cerimônias ou ritos litúrgicos.

Até bem pouco tempo, conforme vimos no tópico anterior, os fenômenos gnósticos eram considerados uma ocorrência espiritual anterior ao cristianismo, para muitos, o mais perigoso adversário da doutrina de Cristo (desde Edward Gibbon até Jean Danielou & Henri Marrou (1984)). Porém, nas palavras de Azevedo,

[...] o progresso dos estudos filosóficos e da história das religiões tem reformulado essa conceituação, admitindo que não existe um só gnosticismo e sim vários, correspondentes a diversas manifestações históricas de um “estado d’alma” (AZEVEDO, 1997, p. 199).

Assim, podemos dizer que são gnósticos os grupos reconhecidos como tal pelos historiadores da religião e que, de modo geral, pertencem a uma elite intelectual, arcana. Para o caso do gnosticismo cristão, isso se torna exemplificado pela crença que tais adeptos tinham de Cristo ter confiado aos apóstolos ensinamentos secretos e reservados.

Ainda segundo Azevedo (1997, p. 200), “o gnosticismo envolve grupos religiosos, escolas e sistemas que se desenvolveram no mundo helenístico durante os séculos II e III da Era Cristã”, embora haja autores que o situem cronologicamente de um modo um pouco mais amplo, como faz Pierre Riffard (1993, p. 164). Segundo ele, o gnosticismo foi um movimento de duração entre os séculos I e V.

Anterior ao próprio cristianismo, o gnosticismo representou um movimento de características místicas, para o qual convergiram tendências diversas, com raízes na ciência sagrada do Egito (hermetismo) e na filosofia grega. Na filosofia religiosa, a palavra *gnose* revestia-se de um significado místico específico, designando o conhecimento dos mistérios divinos revelados a uns poucos escolhidos,

7 Doutrina que declara o absoluto ou as questões metafísicas inacessíveis ao espírito humano, por não serem passíveis de análise pela razão.

[...] da mesma forma como antes os sacerdotes de Tebas aceitavam na iniciação apenas alguns discípulos para receber a sabedoria zelozmente [sic] guardada. Nos ensinamentos desses filósofos, a astrologia e a matemática eram aplicadas a serviço da teosofia, cosmogonia e problemas do porvir do homem (MAIA, 1992, p. 15).

O sentido último das ideias gnósticas consistia, segundo Maia, “na narração do destino da alma”. Pertencente ao mundo celeste e luminoso, ela sofrera uma queda que a trouxe ao mundo sensível e a fizera prisioneira da matéria. De suas origens participaram várias influências, entre as quais o dualismo persa, o culto dos mistérios gregos, o judaísmo e o cristianismo.

Percebe-se agora, principalmente a partir dos estudos publicados no início do século XX, que o gnosticismo é um caso particular de um fenômeno espiritual mais amplo. Este, nos primeiros tempos do fenômeno cristão, foi objeto de muita especulação e interesse, e pôs em discussão o tema do conhecimento. Não o conhecimento concreto (*teknós*) e sim o saber total e absoluto, o conhecimento de si próprio (*gnósis*). Esse tipo de conhecimento, essencialmente subjetivo, era o elemento que conduzia o homem à salvação eterna, e não as obras, as normas de conduta moral, ou mesmo a leitura de textos sagrados.

Quase todos os temas mitológicos e escatológicos utilizados pelos autores gnósticos cristãos são anteriores ao gnosticismo *stricto sensu*. Alguns, segundo Mircea Eliade (2011), são atestados no Irã Antigo e na Índia, no orfismo, no budismo e no platonismo; outros escritos gnósticos parecem conectados com o ocultismo hermético dos egípcios; outros ainda caracterizam o sincretismo de tipo helenístico, o judaísmo bíblico ou as primeiras expressões do cristianismo. Entretanto,

[...] o que define o gnosticismo *strictu sensu* não é a integração mais ou menos orgânica de determinado número de elementos díspares, mas a reinterpretação audaciosa, e singularmente pessimista, de alguns mitos, ideias (...) de grande circulação na época (ELIADE, 2011, p. 140).

Ao contrário dos cultos indianos e do budismo – que evitam discorrer sobre a causa da decadência humana – o conhecimento redentor ensinado pelos gnósticos consistia na revelação de uma “história secreta” (a recomendação do segredo). Primeiramente, a criação do universo, a origem do Mal e a conseqüente recusa do mundo visível, tido por pérfido. Em seguida, a crença em um Deus incognoscível e

inacessível, o qual celebraria Sua vitória sobre os poderes deste mundo por meio da conclusão da História e pela destruição do Cosmo.

Em um ambiente de efervescência mística como este, veio à baila o anúncio da mensagem cristã, levada a Alexandria, “pelos judeus fugitivos da guerra contra os romanos” (MAIA, 1992, p. 16). Uma literatura logo floresceu, buscando traduzir este pensamento através de obras às vezes incompletas, e interpretar o fenômeno cristão a partir das condições encontradas ali.

Isso é correto, na medida em que há elementos narrativos atribuídos a Jesus tanto nos escritos gnósticos quanto nos evangelhos canônicos, como pode se depreender desse trecho do *Apócrifo de Tiago*⁸:

[...] Para certas pessoas, foi suficiente ouvir meus ensinamentos e entender essas parábolas: a da ovelha perdida [Mt 18,10-14 e Lc 15,1-7], a da semente [Mc 4,26-29], a da casa construída sobre a rocha [Mt 7,24-27 e Lc 6,46-49], a das dez virgens [Mt 25,1-13], a dos trabalhadores da vinha [Mt 20,1-16], a da dracma perdida [Lc 15,8-10] e a do fermento [Mt 13,33 e Lc 13,20-21]” (MAIA, 1992, p. 28).

Esse sincretismo foi, segundo Eliade (2011, p. 140) e Runciman (p. 21), um fenômeno condicionado pelas dúvidas e indagações nascidas no coração do Império Romano, sobretudo após o aparecimento do cristianismo. Os Primeiros Padres da Igreja, muito concentrados que estavam em resolver o problema da Redenção e do Pecado, passaram ao largo ante o problema de sua causa original. E, de fato, “o pecado era algo muito real para os primeiros cristãos. O mundo que eles conheciam, o mundo cruel, opulento e incerto do Império romano era, sem (...) dúvida, um lugar perverso” (RUNCIMAN, p. 21, tradução nossa).

Pois bem, como esta perversão surgiu no universo e entrou no mundo? Por que Deus permitiu ao mal existir e tomar as mais diversas formas, já que Ele próprio é, pelas palavras do Mestre de Nazaré, totalmente bom, onisciente e onipotente? Além disso, se o homem decaiu, a queda em si mesma não explicava a existência do pecado. Destas inúmeras indagações – a “osmose religiosa geral” (JOHNSON, 2001, p. 60), surgiram as interpretações gnósticas para o fenômeno do Cristo, na busca de soluções à margem do cristianismo institucional.

8 Trata-se de uma epístola que Tiago remete a um destinatário desconhecido, contendo revelações destinadas apenas aos eleitos. Escrito no segundo século, a obra provém, segundo Maia (1992, p.21) da Escola de Valentim.

O gnosticismo cristão

Entre os séculos I e III as ideias gnósticas se difundiram, a partir do Egito, pelo Oriente Médio, Grécia e até a Gália, criando várias correntes, cada uma delas com a marca local da escola fundada pelos mestres principais: Simão Mago, na Samaria; Basíledes, em Alexandria; Bardesanes (154-222), em Edessa, na Síria; Valentim, em Alexandria e Roma; Marcião, em Roma e Mani (216-276), na Mesopotâmia.

Basicamente, a saída teológica proposta por homens como eles consistiu em eximir Deus da responsabilidade de haver criado o mundo sensível, já que, em sentidos lógicos, de Sua essência plenamente benéfica não poderia partir uma realidade com elementos maléficos. Assim sendo, Deus Pai (o *Primeiro Princípio*, o *Absoluto incognoscível*) estaria muito afastado (podemos falar de transcendente) do mundo:

[...] O Evangelho da Verdade é alegria para aqueles que receberam do Pai da Verdade a graça de conhecê-lo (...) Assim o Universo vagava em busca daquele de quem nascera. E o Universo estava no interior dele, o incompreensível, inconcebível, que é superior a qualquer pensamento (*Evangelho da Verdade*⁹. In: MAIA, 1992, p. 37).

Abaixo de Deus estariam os *Éons* – seres eternos semidivinos, ordenados em grupos de 8, 10 e 12 (dá-se grande importância aos numerais de um ponto de vista simbólico). Estes *Éons* foram concebidos ora como abstrações, conforme dizia Valentim, ora como seres concretos, concepção dos gnósticos posteriores. Dessa forma, Deus e os *Éons* formavam o *Pleroma*, o grupo perfeito e intacto.

O mundo sensível, então, teria surgido como emanção a partir de uma cisão ou de uma quebra dentro do Pleroma, quase sempre causada pela curiosidade ou pela ignorância de um dos seres semidivinos:

[...] O desconhecimento a respeito do Pai trouxe angústia e terror. E a angústia tornou-se espessa como uma bruma, de modo que ninguém podia enxergar. Por essa razão, o pecado se fortaleceu. Ele trabalhou sua própria matéria. No vácuo, sem conhecer a verdade (*Evangelho da Verdade*. In: MAIA, 1992, p. 38).

Nas palavras de Eliade (2011, p. 142): “não apenas a criação do mundo já não é uma prova da onipotência de Deus; é explicada por um acidente sobrevindo nas

9 O *Evangelho* transmite conhecimentos sobre Jesus e alguns sugerem ter sido escrito pelo próprio Valentim. (Cf. MAIA, 1992, p. 35).

regiões superiores, ou como resultado da agressão primordial das Trevas contra a Luz”.

A realidade visível fora construída não por Deus, mas pelo *Demiurgo*, o Criador:

[...] Ele se empenhou em modelar uma criatura, esforçando-se por aprontar-lhe em beleza o equivalente à Verdade (...). Eles não eram nada – esta angústia, este esquecimento e esta criatura da mentira – já que a Verdade estabelecida é imutável, inabalável, perfeita em sua beleza (*Evangelho da Verdade*. In: MAIA, 1992, p. 38).

Seu lugar preciso entre as várias seitas era bastante distinto: poderia ser um *Éon* caído, ou mesmo *Yahweh* – o deus judaico, como pregava Marcião. De qualquer forma, o *Demiurgo* ignorava o Primeiro Princípio, ou bem Ihe era hostil, conforme vimos anteriormente. Todavia, de alguma maneira, no interior do mundo criado, assim como na mais orgulhosa criação do *Demiurgo* – o Homem – se infiltrou uma “lasca”, ou melhor, um resquício da essência divina, seja por acaso ou pelo incessante trabalho do Absoluto ou de um de seus *Éons*.

Mais adiante, tornou-se tarefa do Absoluto dar ao ser humano o conhecimento de Si mesmo, a fim de resgatar as lascas de divindade que ali estavam aprisionadas. Segundo essa visão, seria exatamente essa a missão de Jesus, o filho de Deus:

[...] Então, quando Ihe agradou que seu bem-amado filho tivesse seu nome e quanto Ele Ihe deu este nome, Ele, proclamou seus segredos, sabendo que o Pai é a bondade absoluta. Também por essa razão Ele o enviou, para que Ele pudesse falar sobre o lugar e sobre seu lugar de descanso de onde Ele veio; e para que Ele pudesse florificar o pleroma, a grandeza de seu nome e a doçura do Pai. Ele falará sobre o lugar de onde cada um veio e da região onde recebeu seu ser essencial; Ele se apressará em fazê-los retornar e em retirá-lo daqui, lugar onde se encontra e ao qual tornou-se apegado. E seu próprio lugar de repouso é seu pleroma (*Evangelho da Verdade*. In; MAIA, 1992, p. 58).

É relevante dizer que esses “fragmentos” da Divindade estariam espalhados pela terra aleatoriamente, isto é, tanto homens quanto mulheres (ambas criações do *Demiurgo*) podem possuí-los de alguma forma. Então, uma consequência prática desta concepção é a seguinte: não é possível haver entre os círculos gnósticos alguma distinção de caráter sexual. Isto é correto se levarmos em consideração o quão participativas e fundamentais eram as mulheres dentro destas mesmas comunidades, seja ensinando, exorcizando, batizando ou exercendo algum outro sacramento.

A passagem seguinte, extraída do *Evangelho de Maria Madalena*¹⁰ é reveladora:

[...] Depois de ter dito (...) [ensinamentos que eram fruto de uma experiência pessoal com Jesus], Maria [Madalena] se calou, pois até aqui o Salvador lhe tinha falado. Mas André (...) disse aos irmãos: (...) “Eu (...) não acredito que o Salvador tenha dito isso. Pois esses ensinamentos carregam ideias estranhas”. Pedro respondeu e falou sobre as mesmas coisas (...): “Será que ele [Jesus] realmente conversou em particular com uma mulher e não abertamente conosco? Devemos mudar de opinião e ouvi-la? Ele a preferiu a nós?” [...] Levi respondeu e disse a Pedro: “Pedro, sempre foste exaltado. Agora te vejo competindo com uma mulher como adversário. Mas, se o Salvador a fez merecedora, quem és tu para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhece bem. Daí a ter amado mais do que a nós. É, antes, o caso de nos envergonharmos e assumirmos o homem perfeito e nos separarmos, como Ele nos mandou, e pregarmos o Evangelho, não criando nenhuma outra regra ou lei, além das que o Salvador nos legou” (MAIA, 1992, p. 82. Os grifos são nossos).

Este tipo de atitude, por sua vez, era severamente censurado pelos membros do cristianismo episcopal. Para justificar esta crítica, alegavam os bispos que Eva (a mulher) era potencialmente inferior a Adão (o homem), já que ela fora criada a partir dele, e não a partir de Deus, conforme consta na passagem do Pentateuco: “Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela (...). E da costela que tinha tomado (...), o Senhor Deus fez uma mulher” (Gn 2, 21-22).

A cosmogonia gnóstica é completamente diferente, pois prescreve que ambos, homem e mulher, surgiram juntos, ao mesmo momento, podendo em iguais condições deter posse da essência divina e, por conseguinte, estarem aptos às atividades religiosas de toda a ordem: “Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher” (Gn 1, 27).

Não é de se estranhar que, na vida comunitária das seitas gnósticas, as mulheres desempenhem funções que as colocariam em um mesmo nível de igualdade (do ponto de vista religioso, ao menos) com os homens. O critério para a manipulação dos meios religiosos (profecias, batismos, ritos de iniciação) não poderia ser de cunho sexual, mas apenas com base na posse ou não da gnose, que cada um pode alcançar, de acordo com suas capacidades individuais. Assim, tanto aos membros

10 Neste Evangelho, Maria Madalena narra aos apóstolos um diálogo que mantivera com Jesus. Composto, provavelmente durante o século II, chegou até nós através de um fragmento copta (Cf. Maia, 1992, p., 79).

masculinos quanto aos membros femininos se é possível conhecer, independentemente do gênero, os mistérios do universo.

Tal conhecimento seria dado por intermédio de Jesus, o qual carrega uma interpretação diversa de sua figura entre os inúmeros movimentos gnósticos. Porém todos concordavam que fosse divino, e apenas aparentemente humano, já que era impossível a um ser tão perfeito ter sido criado pelo Demiurgo.

Ora, Jesus é tido como o filho de José e Maria e, quando foi batizado, recebeu o “Cristo” ou uma outra forma de “poder” que o santificou, tornando-o capaz de fazer milagres e de revelar o Pai Desconhecido. Todos os homens (bem como as mulheres), portanto, podem receber este mesmo poder.

[...] Também (...) podeis atingir o reino dos céus. Se não o atingirdes por meio do conhecimento, não sereis capazes de encontrá-lo. (...) Sejais superiores a mim! Sede como o filho do Espírito Santo. (...) Bem-aventurados aqueles que, com confiança, encontraram a graça por si mesmos (*Apócrifo de Tiago*. In: MAIA, 1992, p. 27-30).

Todas estas ideias contribuíam para a concepção de um Jesus muito mais místico, simbólico e interpretado de acordo com as experiências de cada um, do que concreto, de existência objetiva, conforme pregavam os setores episcopais.

Não podemos saber até que ponto as seitas gnósticas variavam em suas práticas, mas todas eram dotadas de uma cerimônia de iniciação. Esta, pois, funcionava como um divisor de águas entre a *Pistis* (simples crença ou fé) e a *Gnosis* (conhecimento), de forma a retirar o indivíduo de seu “sono”, isto é, de sua ignorância, da ilusão que vive ao pensar que conhece a realidade, mas que, na verdade, enxerga unicamente uma realidade pérfida, criada por seres pérfidos.

[...] [Disse Jesus a Tomé:] Já que és chamado de meu irmão, não é conveniente que desconheças a ti mesmo. Sei que compreendes, porque já sabes que sou o conhecimento da Verdade. Enquanto me acompanhas, apesar de ignorar muitas coisas, adquiriste algum conhecimento e serás visto como aquele que se conhece, pois aquele que não se conhece, nada conhece; mas aquele que se conhece já atingiu, pelo conhecimento, a profundidade do universo (*Livro de Tomé, o atleta*¹¹. In: MAIA, 1992, p. 65-66. O grifo é da autora).

11 Trata-se de um diálogo matizado de perguntas e respostas, em que o interlocutor, no caso Tomé, recebe revelações do Salvador (Cf. MAIA, 1992, p.63).

A verdadeira natureza do homem, segundo os ensinamentos gnósticos, é divina. Como já dissemos, é sua missão voltar para a Divindade de onde proveio e libertar-se das garras da materialidade.

Quase todas as seitas do gnosticismo cristão dividiam a humanidade em três categorias, de acordo com a quantidade de “lascas” divinas presentes em cada homem. É relevante dizer que esta forma de classificação não era específica dos gnósticos, também Orígenes teve “seus perfeitos iniciados e pensou que a salvação do simples crente diferia da do eleito” (Runciman, p. 25), o que atesta o clima religioso da época e a metamorfose pela qual passavam as convicções.

Segundo o testemunho de Valentim, opinião que nos serve como paradigma, os seres humanos são repartidos em: 1) “espirituais” ou “pneumáticos”, que estavam repletos da essência divina. Eles somente necessitavam para a sua salvação da *gnose* e das palavras de mistério, tendo em Cristo um *emissário* de iluminação, e não um *salvador*. Logo após viriam os 2) “psíquicos”, que também possuíam as partículas divinas, mas em pouca quantidade. A fim de se salvarem, careciam de cumprir uma série de recomendações, como, por exemplo, fazer o bem e praticar boas obras. Por fim, 3) os “materiais” ou “hílicos”, desprovidos completamente de qualquer resquício do Absoluto, só lhe restava, após a morte, voltar ao pó do qual vieram.

Este tipo de divisão entre os homens traz uma consequência que, do ponto de vista político, é bastante interessante. Haja vista que sendo o mundo o resultado de um acidente ou catástrofe, e estando dominado pela ignorância e regido pelas forças da escuridão, o gnóstico se vê completamente “alienado da sua própria cultura e rejeita-lhe todas as normas e instituições. A liberdade interior obtida pela *gnose* permite-lhe dispor livremente de si próprio e proceder de acordo com a sua vontade” (ELIADE, 2011, p. 143).

Em outras palavras, aquele que conheceu a *gnose* sente-se liberto das leis que governam a sociedade: situa-se além do bem e do mal. Somente os homens materiais, exatamente por pertencerem a esta condição de fraqueza, necessitam de regras para governá-los. Portanto, submeter-se aos preceitos episcopais e às suas doutrinas, significava assumir um grau visível de materialidade, além de ver podadas

todas as formas de se compreender a Divindade por meio do próprio conhecimento. Ou seja, seria abrir mão do potencial deífico presente em cada alma humana.

Voltemos às palavras de Jesus, extraídas do *Evangelho de Maria Madalena*:

[...] Tomai cuidado para que ninguém vos afaste do caminho, dizendo: “Por aqui!” ou “Por lá”, pois o Filho do Homem está dentro de vós. Segui-o. Quem o procurar, o encontrará. Prossegui agora, então, pregai o Evangelho do reino. Não estabeleçais outras regras, além das que vos mostrei, e não instituas como um legislador, senão sereis cerceados por elas (MAIA, 1992, p. 80).

Desse modo, a descoberta de um princípio transcendental no interior do próprio eu constitui o elemento central no gnosticismo. A ignorância, em verdade, seria causada pela imersão do homem na *matéria*, na *vida carnal*, e até mesmo nas *liturgias formalistas*. Para os gnósticos, o verdadeiro contato com Deus não se fazia por meio de ritos, regras, instituições e demais formas *já prontas*. O conhecimento seria dinâmico, partiria de cada indivíduo, pela experiência direta da gnose.

Nesta concepção, o cristão não deve apenas “crer”, mas sim “conhecer” a Divindade, que nada mais é do que um espelho de si mesmo. Só assim seria possível retirar a venda que mascara os olhos humanos, que o faz esquecer de sua verdadeira natureza e de sua identidade, ambas eternas.

A partir destas ideias, percebemos que a responsabilidade de comandar o destino dos homens atrelados ao cristianismo gnóstico estava sobre esses próprios homens, não necessitando, como já se disse, de intermediários ou de uma instituição para guiá-los. Mais do que isso, o que distinguiria a verdadeira comunidade de fiéis não era a sua relação com o clero, mas o nível de compreensão dos seus membros e a qualidade das relações que esses mantinham entre si.

O corpo de indivíduos iluminados pela gnose era entendido como uma *Igreja etérea* ou *invisível*, ao passo que os homens materiais (preocupados em apenas crer) seriam partícipes de uma Igreja *mimética*. Tais evidências não eram, obviamente, interessantes ou úteis aos segmentos episcopais emergentes nos primeiros séculos.

Toda a estruturação do pensamento gnóstico, para além de suas discordâncias, colocava em xeque a própria existência do poder clerical. Este, por sua vez, buscava se legitimar por meio do seguinte imaginário: “Deus criou a humanidade”, logo “Deus é superior à humanidade”. “Deus é eterno e infinito”, ao passo que “a humanidade é

imperfeita, frágil e mortal” (PAGELS, 1994, p. 143-144). Dessa forma, não é possível que a mente humana, tão pequena e tão fraca, desvende, por si só, os mistérios da Divindade suprema, mas sim por meio da revelação, isto é, das Escrituras e dos ensinamentos de Jesus, devidamente interpretado e proclamados por seus seguidores, isto é, os próprios bispos.

Cristãos gnósticos e cristãos ortodoxos também se diferenciavam com relação à condição humana. Os últimos seguiam a tradição judaica, segunda a qual o que separa o homem de Deus é o *pecado*, o erro ao tentar acertar o alvo moral. Cristo veio ao mundo, assim, remir os pecados da humanidade, mas somente os que aceitassem sua mensagem seriam salvos. Os gnósticos, por sua parte, diziam: o que aflige a humanidade é a sua *ignorância*, a falta de *percepção interior*. Aqueles que não conhecem a si mesmos vivem em ilusões, como em um sono profundo ou em um estado de embriaguez:

[...] Jesus disse: “Em verdade, direi que nenhum de vós jamais entrará no reino dos céus apenas porque assim eu ordenei, mas por vós mesmos estardes plenos. (...) Não quereis estar plenos? Vossos corações estão embriagados e não quereis ficar sóbrios? (...) Recomendei que estejais plenos, para que não careçais de nada, pois aqueles que estiverem carentes não serão salvos”. (*Apócrifo de Tiago*. In: MAIA, 1992, p. 24-25).

A partir daí, como “estar pleno”? Em outras palavras, como buscar o autoconhecimento? Outra premissa básica do gnosticismo que conflita com o poder episcopal é concordar que a alma traz *em si* o potencial para a libertação ou a destruição. Em outras palavras, a chave para chegar a Deus é conhecer a si próprio, sem a intervenção de quaisquer elementos externos. Por meio dessa experiência estritamente solitária, o homem sairia do sono no qual se encontra e acordaria em luz.

Logo, segundo o cristianismo gnóstico, o *Reino dos Céus* é um estado de espírito, de autodescoberta, e consciência transformada. Tal ideia é completamente oposta à noção literal do “Reino”, a *Parousia* concebida pelos ortodoxos. Aqui, como é sabido, esta é histórica, que está por vir – conforme consta nos Evangelhos Sinóticos¹² – um lugar concreto de paz, felicidade e harmonia, isto é, uma “transformação exterior”. Transformação esta que só existe, pois vem redimir toda a natureza humana, que, segundo o mesmo princípio, é falha. Finalmente, Jesus Cristo, por ser o elemento

12 Cf. O discurso escatológico de Jesus: Mt 25,31-46.

central na remissão da humanidade, é também visto como exterior e, portanto, superior aos demais homens, o que é incompatível com as premissas gnósticas.

O Jesus concebido e apresentado pelos gnósticos não é um Messias, mas sim uma espécie de guia espiritual. A orientação trazida por ele é apenas provisória, já que “o propósito de se aceitar a autoridade é aprender a superá-la” (PAGELS, 1994, p. 152-153). Isto é, aqueles que atingem o autoconhecimento tornam-se semelhantes, ou mesmo idênticos (“irmãos gêmeos”¹³) a Cristo, uma vez que amadurecidos em plenitude, não carecem de uma autoridade exterior.

As hierarquias cristãs não coadunavam com esta experiência gnóstica interna, ao contrário, interessava-se pelo Cristo enquanto personagem histórico, fazendo mesmo cumprir as profecias que constavam nas tradições judaicas, as quais o gnosticismo prontamente desprezava. Lembremos que muitos gnósticos, como Marcião, tinham *Yahweh* como o Demiurgo, um deus que, se não é “mau”, é simplesmente “justo”, e não “verdadeiro”, como o Princípio Absoluto incognoscível.

“Os cristãos gnósticos concebiam os acontecimentos históricos como secundários ao significado que se podia apreender deles” (PAGELS, 1994, p. 154). Sua inspiração estava centrada na significação não-literal da linguagem, como se pode perceber pelo relato da Paixão de Cristo, segundo os *Atos de João*:

[...] [Disse Jesus:] “Tu ouviste dizer que eu sofri e, na verdade, não sofri; que fui trespassado e não fui ferido; que fui suspenso e não fui; que meu sangue foi derramado e ele não foi. Em uma palavra, o que disseram de mim, não me aconteceu (...). Assim que me disse essas coisas, e outras que eu não sabia dizer como Ele quis, desapareceu sem que ninguém na multidão o tivesse visto. Fui embora, rindo-me de todos eles, porque o Senhor me havia dito coisas que eu repetia a seu modo, mantendo-me firme num único ponto: o Senhor havia imaginado tudo como um *símbolo*, apenas para os converter e salvar (*Atos de João*. In: MAIA, 1992, p. 93-94. O grifo é meu).

Essa linguagem figurada se coadunava com o fato de que boa parte dos preceitos gnósticos não era escrita. A transmissão de ensinamentos discípulo *versus* mestre era dada oral e secretamente¹⁴, de acordo com as capacidades espirituais de cada

13 “Ditos secretos que o Salvador transmitiu a Judas Tomé (...). O Salvador disse: ‘Irmão Tomé, (...) dizem que és meu *irmão gêmeo* e meu verdadeiro amigo; portanto, *examina-te* e percebe quem és tu” (*Livro de Tomé, o Atleta*. In: MAIA, p. 65-66, os grifos são nossos).

14 Mesmo os textos gnósticos escritos, em sua maioria, se apresentavam como transcrições dos ensinamentos secretos de Jesus, ou que foram obtidos por meio de visões. Cf. *Apócrifo de Tiago; Livro de Tomé, o atleta; Evangelho de Maria Madalena; Atos de João*. In: MAIA, 1992, p. 23, 65, 80 e 91 respectivamente.

um, num processo árduo, difícil e bastante demorado. Obviamente, “um programa como esse (...) só há de atrair alguns poucos indivíduos, não era característico de uma religião de massa, isto é, com força política considerável” (PAGELS, 1994, p. 161).

Dito de modo mais simples, as fantásticas especulações gnósticas sobre a origem do mal, por importantes que parecessem a seus intelectos, não respondiam às necessidades emocionais dos homens mais comuns.

Podemos, então, inferir que,

[...] nesse aspecto, o gnosticismo não foi páreo para o sistema eficaz de organização das igrejas episcopais, centrada apenas no Cânone do Novo Testamento, em rituais simples e profissões de fé comumente aceitos por todos. Pois meras ideias não tornam uma religião poderosa, embora uma religião poderosa não possa existir sem ideias, igualmente importantes são as estruturas sociais e políticas que identificam e unem as pessoas numa afiliação comum (PAGELS, 1994, p. 162).

Por causa desta polêmica antignóstica, à qual Ireneu de Lyon nos leva a conhecer por meio de sua obra mais famosa, o ensinamento esotérico e a tradição da gnose cristã foram quase sufocados na Igreja Episcopal. E assim nos afirma Mircea Eliade:

[...] é esse talvez o preço mais elevado que o cristianismo teve de pagar para salvaguardar a unidade da Igreja. Desse momento em diante, a gnose cristã e o ensinamento esotérico sobreviverão, diminuídos e camuflados, à margem das instituições oficiais. Certas tradições esotéricas (em primeiro lugar, as conservadas nos apocalipses e nos apócrifos) terão grande difusão nos meios populares, mas acompanhadas de mitos e lendas derivados dos sistemas gnósticos... (ELIADE, 2011, p. 169).

Considerações finais

Podemos compreender, a partir destas premissas gnósticas, qual era o perigo representado por estas seitas ante a formação da instituição e dos dogmas cristãos, tendo por linha de frente os bispos. Várias eram as consequências e as implicações que as crenças deste tipo possuíam em um momento mais do que importante para o desenvolvimento do cristianismo dentro do Império Romano.

Para que tal missão pudesse ser levada a cabo, todos os meios seriam drasticamente utilizados, a começar pelo combate às seitas heterodoxas e a toda a

forma de religiosidade (ideias e livros, por exemplo) que colocasse em risco a autoridade dos bispos. Sendo assim, faz-se pertinente a seguinte reflexão:

[...] não existe um modo único de enfrentar uma heresia. Tudo depende do perigo que ela representa para a unidade da Igreja, da sua força real ou potencial, das capacidades estratégicas das autoridades. Nem sequer se podem apontar regras gerais quanto ao método mais eficaz para destruir uma heresia (Kochakowicz, p. 308).

De qualquer forma, e segundo o mesmo Kochakowicz, existem duas formas básicas de se combater uma heresia: por *esmagamento* (destruição) ou por *domesticação* (assimilação de valores heréticos por parte da própria Igreja), sendo que ambas são apenas tipos ideais que podem ser, de acordo com o contexto histórico em questão, utilizadas no todo ou em parte.

No caso do enfrentamento às seitas gnósticas, pelo perigo real que estas representavam, e pelo momento *sui generis* pelo qual passava o cristianismo, as principais autoridades eclesiásticas, entre os quais está o discurso de Ireneu de Lyon proposto no *Contra as Heresias*, são claras em não propor nenhuma forma de assimilação com o gnosticismo. Em outras palavras, o cristianismo do século II ainda não detinha um peso político considerável para poder tratar os seus elementos disfuncionais de uma maneira mais branda.

A participação feminina nos rituais gnósticos, bem como a natureza mística apresentada pelos mesmos trazia um problema ainda mais grave: tornava seus congregantes facilmente confundidos com praticantes de magia, feitiçaria e demais situações condenadas não só *moralmente*, mas também e, sobretudo, *juridicamente* por Roma. Logo, não restava outra solução se não banir toda a forma de gnosticismo das comunidades cristãs.

Referências bibliográficas

Obras completas

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Vários tradutores. São Paulo: Paulus, 2013.

BLOCH, M.. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHADWICK, H. *A Igreja primitiva*. Lisboa: Ulisseia, 1967.

DANIELOU, J. & MARROU, H. *Nova História da Igreja: dos primórdios a São Gregório Magno*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

ELIADE, M. *História das Crenças e das Ideias Religiosas*. Tomo II: De Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo. v. 2: Das provações do Judaísmo ao Crepúsculo dos Deuses. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2011.

GIBBON, E. *Declínio e queda do Império Romano*. Ed. Abrev. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

IRENEU DE LIÃO. *Contra as heresias: Denúncia e refutação da falsa gnose*. São Paulo: Paulus, 2014. Patrística.

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

MAIA, M. *Evangelhos gnósticos*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

PAGELS, E. *Os evangelhos gnósticos*. São Paulo: Cultrix, 1994.

Capítulo de obra

GNOSTICISMO. In: AZEVEDO, A. C. A. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 2. ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

GNOSTICISMO. In: RIFFARD, P. *Dicionário do Esoterismo*. Lisboa: Teorema, 1993.

KOCHAKOWICZ, Leszek. Heresia. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. [S.l.]: Imprensa Nacional – Casa da moeda, 1987. v. 12. p. 301-325.

RUNCIMAN, S. Los antecedentes gnósticos. In: _____. *Los Maniqueos en La Edad Media: un estudio de los herejes dualistas cristianos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.